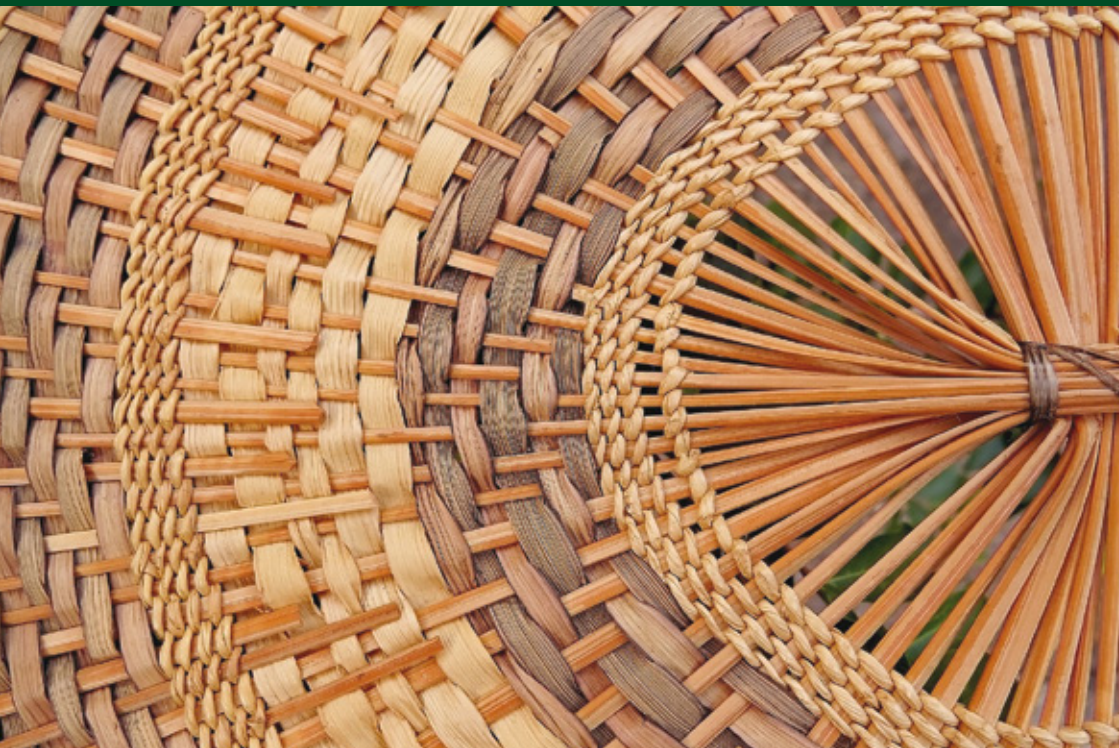




Comissão Episcopal para a

Amazônia



SEMINÁRIO GERAL REPAM - BRASIL



SEMINÁRIO GERAL

REPAM - BRASIL

Brasília – DF

17 a 19 de novembro de 2017



O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar. O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projeto de amor, nem se arrepende de nos ter criado. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum. Desejo agradecer, encorajar e manifestar apreço a quantos, nos mais variados sectores da atividade humana, estão trabalhando para garantir a proteção da casa que partilhamos. Uma especial gratidão é devida àqueles que lutam, com vigor, por resolver as dramáticas consequências da degradação ambiental na vida dos mais pobres do mundo (*LS 13*).

Índice

Introdução	7
1. Abertura do Seminário Geral	9
2. REPAM: Identidade, incidência e desafios	15
Objetivo da REPAM é:.....	19
3. Realidade da Amazônia e a Conjuntura Nacional e Internacional – Ver, escutar e celebrar ..	21
Márcia Maria de Oliveira e Pe. Ricardo Castro	21
4. Síntese dos Seminários e Cartas compromissos: Pontos comuns.....	25
5. Iluminação Bíblico-Teológica da Encíclica Laudato Si`	28
Roberto Malvezzi (Gogó)	28
6. Oficinas temáticas	30
7. Sínodo Pan-Amazônico	45
Cardeal Dom Cláudio Hummes	45
8. Agir: Perspectivas, continuidade e encaminhamentos.....	50
9. Conclusão	60

Introdução

Realizou-se, entre os dias 17 e 19 de novembro de 2017, em Brasília, o 16º Seminário Geral *Laudato Si'*, promovido pela Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM-Brasil), com o apoio da Comissão Episcopal para a Amazônia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). O objetivo do Seminário foi retomar os temas discutidos nos 15 Seminários realizados, desde junho de 2016 a setembro de 2017, no território da Amazônia Legal, **Seminário Laudato Si'**, e aprofundar a reflexão sobre a Amazônia no contexto nacional e internacional, tendo em vista as perspectivas de articulação da Rede Eclesial na Amazônia brasileira, e contribuir com o debate sobre o Sínodo Pan-Amazônico, recentemente anunciado pelo Papa Francisco. Os 15 Seminários foram realizados em 9 Estados, com a participação de 1.503 pessoas, provenientes das 56 dioceses da Amazônia. Teve a média de 100 pessoas por Seminário. Atingiu-se 890 representantes de iniciativas socioambientais (59% dos participantes dos seminários eram lideranças desse tipo).

No Seminário Geral, participaram lideranças dos povos indígenas, ribeirinhos, quilombolas, seringueiros, camponeses, agentes de Pastoral, religiosas/os, padres

e 32 bispos oriundos dos Regionais Norte I (Amazonas e Roraima), Norte II (Pará e Amapá), Norte III (Tocantins), Nordeste 5 (Maranhão), Oeste II (Mato Grosso) e Noroeste (Rondônia). Participaram também várias Instituições e organismos eclesiais (CIMI, CPT, Cáritas), a delegação da Rede Eclesial da Bacia do Congo (RE-BAC) e representantes do Equador e Inglaterra. Durante o Seminário, contou-se com a presença do cardeal Dom Cláudio Hummes (presidente da REPAM) e de Dom Erwin Krautler (Coordenador da REPAM-Brasil).

A cadência do Seminário foi marcada por momentos de reflexão, celebração, oficinas temáticas e construção coletiva de propostas para o fortalecimento e as articulações territoriais da Rede Eclesial junto às comunidades amazônicas e no cuidado da Casa Comum. Durante o Seminário, ocorreu o lançamento do livro *Povos da Floresta*, de autoria de Felício Pontes Júnior (Procurador do Ministério Público Federal), da série documental *Mártires da Amazônia* e do projeto *Vozes da Amazônia*.

1. Abertura do Seminário Geral

A mesa de abertura oficial do Seminário Geral foi composta por Dom Leonardo Ulrich Steiner, Secretário Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB); Cardeal Dom Cláudio Hummes, Presidente da Comissão Episcopal para a Amazônia e da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM); Dom Erwin Krautler, Coordenador da REPAM-Brasil; Dom Louis Portella Mbuyu, da Conferência Episcopal do Congo-Brazzaville e representante da Rede Eclesial da Bacia do Congo (REBAC); Dr. Felício Pontes, Procurador do Ministério Público Federal, o qual atua nos feitos cíveis relativos à defesa dos direitos e interesses das populações indígenas e comunidades tradicionais; Maurício López, Secretário Executivo da REPAM; Ir. Maria Irene Lopes dos Santos, Assessora da Comissão Episcopal para a Amazônia e Secretária Executiva da REPAM-Brasil; Sr^a Antônia Mello, representante do Movimento Xingu para sempre e comitê REPAM de Altamira (PA). Em seguida a execução dos Hinos das respectivas nações presentes (Congon-Brazzaville/República do Congo, República Democrática do Congo e Brasil), a palavra foi cedida aos componentes da mesa:

- Dom Leonardo Ulrich Steiner saudou a todos os participantes e componentes da mesa em nome do Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), parabenizando pela iniciativa e desejando a todos um frutuoso seminário com o fim de construir propostas concretas a partir da *Laudato Si'*.
- Antônia de Mello sublinhou a importância dos 15 Seminários *Laudato Si'*, realizados nos regionais da Amazônia legal. Em muitos lugares, o debate em torno à encíclica ativou a esperança e a urgência de articulação e o fortalecimento dos movimentos sociais, especialmente nas realidades atingidas pelos grandes projetos, como é o caso da região do Xingu. Esta região é fortemente afetada pela construção da hidroelétrica de Belo Monte, e agora revive o drama com a previsão de implantação da mineradora Bel Sun, na volta grande do Xingu. Apoiado em um discurso desenvolvimentista, a implantação dos grandes projetos, o agronegócio deixam rastros de destruição, violência, contaminação dos rios. É preciso criar um novo modelo de convivência com o bioma amazônico e de enfrentamento a toda problemática que os povos amazônicos vivem. O povo precisa organizar-se, ser mais ousado, ter ações concretas em defesa do bioma e das populações. Precisa ocupar os espaços nos conselhos de políticas públicas na Saúde,

Educação, Assistência, de respeito aos direitos da natureza e das populações, e construir um modelo de desenvolvimento próprio para a Amazônia, segundo a sabedoria ancestral dos Povos Indígenas e comunidades tradicionais.

- Dr. Felício Pontes ressaltou a importância da REPAM, em um momento delicado que vive toda a Pan-Amazônia, ao propor uma luta transversal em defesa da vida dos povos e do bioma amazônico. A realização dos 15 Seminários *Laudato Si'* já produziu resultados extraordinários. A Rede Eclesial é, simultaneamente, novidade e desafio. Na prática, o que o Ministério Público denomina de direito da dignidade humana é o mesmo que os teólogos chamam de vida em plenitude. Contra esse projeto que defende plenitude da vida e dignidade da pessoa humana, existe uma estrutura muito forte que violenta a vida e os direitos dos povos amazônicos: monocultura, mineração, indústria pecuária e madeireira. Esses projetos provocam um verdadeiro etnocídio na Amazônia porque matam a alma, a essência, a cultura e se opõem aos projetos que a REPAM, o MP defendem. Somente uma rede forte pode enfrentar esse desafio. A REPAM oferece esta esperança de que isso se torne realidade.
- Dom Louis Portella Mbuyu, da REBAC, apontou que este é um momento de graça, um *Kairós*. Estar juntos em um Seminário da *Laudato Si'*,

movidos por uma profunda inquietação ecológica e busca de caminhos, é algo profundamente animador. A REBAC está iniciando um processo e se sente interpelada pelo Papa Francisco a trilhar este mesmo caminho, e a perguntar-se como agir diante de uma realidade em que o futuro da humanidade está comprometido. Esta inquietude motivou a participação, neste seminário, para escutar e aprender da longa experiência da Igreja do Brasil. Deseja-se contextualizar a Bacia do Congo para responder aos grandes desafios na região. Augura-se que a *Laudato Si'* se enraíze e a Rede se fortaleça na região africana.

- Cardeal Dom Cláudio Hummes destacou a importância do Seminário em um momento histórico no qual a sociedade mundial está mergulhada em uma crise grave e urgente. Para que as perdas não sejam irreversíveis, é preciso agir rapidamente. Alguns sinais são preocupantes: A COP 21¹ chegou a um compromisso. Mas, recentemente, os EUA retiraram-se do acordo. Na sociedade brasileira, os poderes tentam, de todos os modos, fazer que o povo e suas lutas sejam invisíveis. O Papa Francisco é um grande presente de Deus. No meio de tantos desafios, ele está animando e encorajando o povo

1 A COP 21 foi a 21ª Conferência das Partes (COP 21) da Convenção-Quadros das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC), realizado entre os dias 30/11/2015 a 11/12/2015, em Paris (França). Buscou alcançar um novo acordo internacional sobre o clima, aplicável a todos os países, com o objetivo de manter o aquecimento global abaixo dos 2º C. Fonte: <nacoesunidas.org>.

de Deus a assumir um compromisso diante dos grandes desafios. Para ele, a Amazônia é um teste decisivo, um banco de prova para a Igreja e para a sociedade, e espera que a Igreja saia da acomodação e seja missionária.

A publicação da *Laudato Si'* gerou um quadro muito importante, no qual estão inseridos os 15 seminários realizados na Amazônia. Eles foram uma benção na medida em que tiveram a força de convocar, provocar dinamismos e fortalecer a Rede Eclesial em uma sociedade que está angustiada. A criação dos comitês locais dá continuidade à reflexão no território e oferece o espaço para que a população local participe da discussão e da busca de caminhos para uma crise que é local e mundial. A convocação do Sínodo especial para a Amazônia é um elemento importante desse processo que a REPAM está animando e articulando. Este momento é de urgência histórica. É o espaço para discernir, com clarividência, os caminhos e definir propostas criativas e corajosas. Por fim, concluiu parabenizando a REPAM-Brasil pelo empenho e animando o fortalecimento da Rede, como também estreitando a comunhão eclesial com a Rede Eclesial da Bacia do Congo (REBAC), desejando que o Seminário produzisse muitos frutos.

- Dom Leonardo Ulrich Steiner, antes de concluir a sessão de abertura, dirigiu uma palavra de gratidão a todas as pessoas que se envolveram na organização dos Seminários *Laudato Si'*, nos

diversos regionais da Amazônia legal. Recordou o grande interesse que o Papa Francisco tem pela Amazônia e sinalou a importância da partilha das percepções da *Laudato Si'* para todo o Brasil e outras conferências. Pois é uma encíclica que traz esperança, ajuda a aprofundar a realidade amazônica, do Brasil e de todo o planeta que vive as graves consequências do desmatamento, das secas, das inundações, do aquecimento global, etc. O Sínodo convocado pelo Papa anima e conforta. É preciso pensar nos passos futuros e construir propostas de como cuidar da Amazônia e de toda a Casa Comum. Esta é a responsabilidade que fala o livro do Gênesis para cultivar e cuidar da Casa Comum. Que a realização do Seminário Geral ajude a descobrir como cuidar da Casa Comum. *Bom Seminário para todos nós!*

2. REPAM: Identidade, incidência e desafios

Maurício López

Maurício Lopes, Secretário Executivo da REPAM Pan-Amazônica, apresentou a REPAM com o tema: *Conversão ecológica, Pan-Amazônia e compromisso da REPAM com as identidades eclesiais*. Convidou a contemplar, em silêncio, algumas imagens, tais como raízes, mãos de uma mulher; um vídeo de uma criança que sente pela primeira vez a chuva, e a frase de Pierre Teilhard de Chardin: *Não somos seres humanos com uma experiência espiritual, somos seres espirituais com uma experiência humana*. Em um mundo quebrado, necessita-se recuperar a capacidade de fazer silêncio para reconhecer a beleza de Deus com um coração puro.

Em sua colocação, destacou que a REPAM precisa ser compreendida não só na perspectiva da territorialidade amazônica, mas planetária. No mundo, mais de um bilhão de pessoas vivem na extrema pobreza. Alguns justificam a necessidade de explorar os recursos do Planeta para alimentar e cuidar de tanta gente pobre. Isso não é verdade. Não se trata de falta de recursos. O verdadeiro

problema é a iniquidade, pois 1% da população do Planeta possui 99% da riqueza; 8 famílias no mundo possuem o mesmo que metade da população da terra. Tem-se a capacidade para produzir alimentos para todos, mas 800 milhões de pessoas passam fome e 30% da alimentação produzida vai para o lixo. Predomina uma cultura do descarte e, ao mesmo tempo, a acumulação avança rapidamente. A utilização de 5% do orçamento militar dos EUA é suficiente para acabar com a fome do mundo inteiro. O Papa Francisco alerta que *Deus perdoa sempre, as pessoas às vezes perdoam, mas a natureza não perdoa*. É um imperativo ético universal. Esse modelo que mata, somente pode ser vencido pela cultura do encontro.

As quatro chaves para entender a missão da REPAM são:

1. Metanóia: uma conversão de raiz e a base da mudança concreta.
2. História: os povos indígenas têm uma história profunda que precisa ser resgatada. Também precisamos aprimorar nossa compreensão da história, e o (pouco) tempo que nos sobra para a mudança de paradigma.
3. Terra e territorialidade: para a REPAM é uma perspectiva essencial. Compreender e repensar a realidade a partir da territorialidade sócio-ambiental-territorial. A REPAM não é nova;

a novidade que traz é a rede entre diversas perspectivas e compromissos que estamos assumindo em defesa da terra.

4. Integralidade: o modelo de educação não nos ajuda a compreender a integralidade. O mundo pede que nos especializemos. Precisa de uma ruptura epistemológica. Assumir uma missão abrangente e multidisciplinar. Cada elemento do cosmos é tecido com os outros. É impossível quebrar essa rede (Cf. Teilhard de Chardin).

É pertinente ressaltar desde esta perspectiva, a *Laudato Si'* se tornou a nossa Carta Magna. A Encíclica supera uma perspectiva ecológica fragmentada, dá indicativos de uma única crise socioambiental e propõe uma ecologia integral. Essa categoria é provocativa e necessita maior aprofundamento.

No contexto específico, a Amazônia passou de *fundo de quintal a praça central do Planeta*, profundamente cobiçada e disputada pelas suas potencialidades naturais. 20% da água potável do Planeta é produzida pela Amazônia, sendo uma verdadeira *bomba de água* que impede a desertificação do interior do Brasil e seus benefícios chega até a Argentina. O desmatamento provoca a destruição desse dinamismo natural. A Amazônia é, depois do Médio Oriente, a segunda mais importante região do Planeta, do ponto de vista dos interesses geopolíticos. Veja-se os grandes projetos para a região

como o IRRSE, PAC entre outros. Ou ainda os projetos de monocultivo de soja, criação de gado, exploração de minérios. As consequências são desastrosas para a biodiversidade e para os Povos amazônicos que sofrem inúmeras ameaças, entre as quais está o tráfico de seres humanos.

São os povos que vivem na Amazônia que são a esperança, entre os quais estão 3 milhões de indígenas, 385 povos e 240 línguas. A REPAM tem como prioridade os Povos Indígenas e as comunidades tradicionais. Eles são os principais interlocutores e com eles pode-se aprender a sacralidade da natureza.

A REPAM não é uma nova instituição. É uma rede que nasce reconhecendo a fragilidade diante dos grandes desafios, mas quer proporcionar espaços de escuta, diálogo e ação conjunta aos urgentes desafios. Sendo uma rede eclesial, assume o apelo de Papa Francisco, no Rio de Janeiro (27.07.13): *A Igreja não está na Amazônia como quem tem feito as malas para sair depois de explorá-la. Desde o início, está presente nela com os missionários, as congregações religiosas, os sacerdotes, os leigos e os bispos, e sua presença é crucial para o futuro da área.*

Objetivo da REPAM é:

1. Articular a Igreja nos 9 países da Pan-Amazônia². É preciso ter consciência que os poderes que especulam na Amazônia estão bem articulados, e a Igreja precisa se organizar.
2. Ser um serviço de comunicação e integração.
3. Ser uma ação comum e eficaz para uma pastoral de conjunto.
4. Defender, apoiar e promover os povos indígenas e grupos em situação de vulnerabilidade.
5. Ser lugar de encontro, comunhão e vida plena.

A REPAM nasce da encarnação nos territórios, a partir das necessidades de prelazias, vicariatos e dioceses, missionários e missionárias, de superar o isolamento e estabelecer vínculos de comunhão e colaboração. A criação das REPAM nacionais é uma novidade. Na articulação com as entidades funda-

² A Pan-Amazônia é constituída por 9 países, os quais têm a floresta amazônica em seu território. São eles: Colômbia, Peru, Venezuela, Equador, Bolívia, Guiana, Guiana Francesa, Suriname e Brasil. Fonte: <repam.org.br>.

doras (CELAM³, SELACC⁴, CLAR⁵), em função da Pan-Amazônia, somam-se equipes itinerantes, as congregações religiosas, a Rede Igesias y Minería, etc., além de 8 equipes internacionais da Amazônia, 7 REPAM nacionais e parcerias importantes como REBAC e CIDSE⁶.

Entre as inúmeras articulações e atividades da REPAM, em âmbito nacional e internacional, destaca-se o mapeamento, com o apoio do CIMI e da Equipe Itinerante, das 27 principais bacias onde estão os Povos Indígenas. A REPAM tem o objetivo de escutar e dialogar com os Povos Indígenas desde os seus territórios. Já foram realizados 5 encontros por bacia, sendo o último na bacia do Tapajós, em outubro de 2017; o acordo com a Comissão Interamericana de DDHH; estamos acompanhando 13 casos na Pan-Amazônia, sendo 4 do Brasil.

O Sínodo da Pan-Amazônia é momento importante nesse processo que se deseja viver intensamente, valorizando os processos iniciados e para ser potencializados na fase pós-sinodal.

3 Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM).

4 Secretariado da América Latina e Caribe de Cáritas (SELACC).

5 Confederación Latinoamericana de Religiosos (CLAR).

6 Coopération Internationale pour le Développement et la Solidarité (CIDSE).

3. Realidade da Amazônia e a Conjuntura Nacional e Internacional – Ver, escutar e celebrar

Márcia Maria de Oliveira e Pe. Ricardo Cas-

Para análise de conjuntura da Amazônia, Prof^a Márcia Maria de Oliveria (UFRO) e Pe. Ricardo Castro utilizaram como porto de partida um vídeo publicitário⁷, do Governo de Rondônia, sobre o eixo hidro-rodoviário para transporte de cargas e comboios, estrategicamente importante por estar na divisa com o Peru, e consequentemente para o IRSSA (Iniciativa de Integração da Infraestrutura Regional Sul-americana). Por meio dos portos do Amazonas chega-se ao Oceano e, assim, à Europa e Ásia. Rondônia é também o caminho mais curto para o Pacífico. O mercado andino é uma grande oportunidade para os empresários.

O vídeo ajuda a perceber como os políticos pensam a Amazônia; como o Governo se apropriou de nossas categorias: agricultura familiar, sustentabilidade e energia limpa. Os discursos são convincentes na linha da competitividade (o vídeo destaca, por exemplo, a com-

7 Vídeo “Rondônia, terra de oportunidades”, acesso em: <<https://youtu.be/k21P-E-zoeb0>>.

petição com o porto de Santos e do Sudeste); e Rondônia transforma-se em um estado que gera “energia limpa e sustentável”. No viés da economia, um debate muito delicado é a expansão do caminho transpacífico. O capitalismo tem a capacidade de nivelar a economia a partir do número de consumidores potenciais em cada região. Isso é o que interessa e define a prioridade dos investimentos. Isso gera uma relação de grande importância. Como lidar com isso?

O discurso do capitalismo destaca a ideia de progresso a partir dos avanços econômicos e integração com grandes projetos internacionais, financiados também pelo FMI (Fundo Monetário Internacional). Isso prevê e necessita da captação de recursos minerais e ecológicos presentes na região. O agronegócio e a pecuária estão aumentando suas exportações. Em momento algum se faz relação aos impactos disso sobre a floresta. Imazon⁸ afirma que a pecuária é a maior responsável pelo desmatamento. Na região, está acontecendo uma inversão de valores: pensa-se a partir das cabeças de gado (no Xingu, por exemplo, temos 20 bois por pessoa; em Rondônia, 17 por pessoa). Está se substituindo a centralidade da pessoa pelo boi.

Os conflitos socioambientais são altíssimos na região: nunca se matou tanto em conflitos no campo como nos últimos anos. O caso da RENCA⁹ representa um ata-

8 IMAZON – Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia: <amazon.org.br>.

9 Reserva Nacional de Cobre e Associados (RENCA).

que grave aos direitos humanos. Trata-se de uma reserva que continua “pendurada”, “reserva de campanha”, com a oportunidade que seu sequestro, em função do extrativismo, volte a acontecer. A sociedade civil, porém, mobiliza-se e reage. É possível fazer diferente!

As migrações são sintomas de problemas bem mais profundos na sociedade. As migrações compulsórias estão interessando de forma grave também a Amazônia, recentemente pela migração da Venezuela. O povo Warao foge dos impactos da mineração no Rio Orinoco, com grandes índices de contaminação e consequência de grandes diásporas migratórias. Eles dizem que a diáspora se deu pela “mocara”, que seria a “maldição”, assim como eles denominam a intrusão de grandes projetos em seus territórios. Há desregulamentação internacional do trabalho. A migração representa fuga de trabalhadores desempregados e desafiam a conservação da dignidade do trabalho nas regiões de migração.

Considerando o contexto político, precisamos pensar a conjuntura em função das eleições de 2018. 60% dos eleitores de Bolsonaro são jovens. Estão se militarizando as escolas, como resposta à violência das juventudes. Estamos perdendo as juventudes por essa ideologia fundamentalista? Ainda há muitos resquícios da ditadura que matam nossa história.

Neste ano, lembramos os 45 anos da Transamazônica; ao longo deste tempo, toda luta de resistência

dos povos indígenas. A salvação da Amazônia está nas mãos dos povos indígenas. A COP 23, recentemente, criticou o Brasil pelo trabalho escravo e pelo escasso compromisso em relação às mudanças ambientais. Precisamos pensar direitos humanos vinculando-os aos direitos da terra.

Há utopias impossíveis: do neoliberalismo, do conservadorismo desenvolvimentista. Quais as utopias possíveis? As que valorizam as epistemologias do Sul e o Deus do Reino de Jesus. A Igreja “Comunidade de Comunidades” é um processo de construção desde baixo.

Boaventura Santos nos provoca a pensar uma nova esquerda. Há novas formas de trabalho, em rede. Estamos desenvolvendo o mapeamento e uma maior presença nas realidades concretas. Estamos construindo uma relação intercultural e pós-colonial, também na academia. A educação e a formação continuam sendo caminhos centrais. Fugir do paradigma tecnocrático nos pede para desacelerar, renunciar ao domínio sobre os recursos. *O ser humano é ser que pensa, sente e ama. Nós somos terra.*

4. Síntese dos Seminários e Cartas compromissos: Pontos comuns

Pe. Guillermo Cardona Grisales e Renato Bastos

Foram apresentados, por Pe. Guillermo Cardona Grisales e Renato Bastos, os pontos comuns das Sínteses e Cartas Compromissos dos Seminários realizados na Amazônia brasileira. Os seminários tinham como objetivo dar a conhecer a encíclica *Laudato Si'*, de Papa Francisco; dar a conhecer e organizar as ações da REPAM; provocar dinamismos locais; fortalecer iniciativas ambientais no território brasileiro. Dos indicadores assumidos com *Misereor*, financiadora dos Seminários, conseguiu-se pelo menos 60% dos bispos da diocese, 100% dos representantes de cada diocese nos seminários.

Nas Cartas Compromissos, os temas principais foram os seguintes:

- A proteção da vida dos defensores de DDHH e dos povos indígenas, assim como a agroecologia.
- A leitura da realidade dos territórios destaca a questão ambiental, os grandes projetos e os principais impactos.

- A sociedade civil denuncia a destruição como continuidade da ditadura.
- A responsabilidade de setores conservadores da Igreja, ou de resistências internas na sociedade, frente à pauta da defesa dos direitos socioambientais.
- Várias leituras da *Laudato Si'* para iluminar a realidade em que vivemos, com destaque sobre o modelo de desenvolvimento, as causas fundamentais dos impactos que estamos sofrendo hoje.
- Reflexão sobre o sentido da Rede e da articulação.
- As tarefas dos organismos internacionais, da sociedade civil e da Igreja.
- Sobre a identidade amazônica, “o jeito de ser dentro de nossa casa”.
- A dominação é histórica e presente na Amazônia.
- As experiências coletivas vão abrindo caminhos alternativos (“você pensam muito, nós quando assumimos uma decisão, é para valer!”, dizem os povos indígenas). Na escuridão, alimentamos a esperança.
- Espera-se que se escutem os clamores do povo.
- As grandes problemáticas da Amazônia (questões agrárias, violência no campo, grandes projetos, tráfico humano).

- Nas cidades amazônicas, está se deteriorando a qualidade da vida.
- A ideologia do desenvolvimento e suas vítimas: há um projeto proposital para desmontar as culturas indígenas (etnocídio) e desmontar o tecido social.

Como compromisso destacou-se:

1. A defesa dos direitos e da vida das comunidades tradicionais e urbanas.
2. Fomentar processos de formação, estudando a legislação ambiental produzindo subsídios, insistindo na formação de base.
3. Enfrentar os grandes projetos e buscar regularização fundiária.
4. Organizar a sociedade civil para lutar por políticas públicas.
5. Fomentar alternativas de Bem-Viver (iniciativas locais, projetos sociais e leis de iniciativa popular).
6. Ampliar a REPAM: que seja “rede das redes”, elo entre nossas dioceses e conclame outras organizações à luta em defesa da vida.

5. Iluminação Bíblico-Teológica da Encíclica *Laudato Si'*

Roberto Malvezzi (Gogó)

A *Laudato Si'* foi o motor dos Seminários realizados. Permitiu, de modo orgânico, pensar a realidade amazônica, os grandes desafios e as propostas de articulação e territorialidade. A Encíclica, publicada em 2015, correspondeu a uma solicitação do mundo inteiro e nasceu com a contribuição de diversas partes do mundo. Nasce de uma visão holística, fruto do pensamento moderno. Assumiu a contribuição da ciência, de outras religiões e de outros militantes.

Algumas chaves de leitura importantes:

- Ela destaca os três elementos básicos de cada cristão: o relacionamento com Deus, com os irmãos e com a natureza.
- A Casa Comum, onde tudo está interligado. Viver para os outros é uma regra da natureza. É uma das “digitais de Deus” em nossa história.
- Apresenta os maiores problemas que ameaçam o Planeta: falta a correlação entre os bens básicos da natureza e os investimentos, os grandes

projetos (veja-se hoje o exemplo da transposição do São Francisco e Belo Monte: com a falta de água, nada está funcionando!).

- Denuncia o nosso sistema de acumulação.
- Fala da raiz humana do estrago ambiental. Nisso sente-se um grande desafio: convencer todos que danificar a Amazônia é comprometer a vida do mundo, e não só daquele território!
- O evangelho da Criação como uma boa notícia! Há uma mensagem de cada criatura na harmonia de toda a criação.
- O tema da ecologia integral destaca a questão intergeracional: não é essa a lógica do capital, que afirma, explicitamente, que cada geração pode e deve cuidar de si mesmo. Assim, a espiritualidade integral ressalta que não haverá uma nova relação com a natureza sem um ser humano novo. Antes a sobriedade era para os religiosos/as, mas hoje é um chamado para cada pessoa.

6. Oficinas temáticas

Tendo por base a síntese das Cartas Compromissos e a Iluminação Bíblico-Teológica da Encíclica *Laudato Si'*, os grupos discutiram as temáticas afins com o objetivo de construir propostas de ação para o trabalho em Rede na Amazônia brasileira. A seguir, apresentaremos notas da partilha dos grupos.

6.1. Terra, água e território dos povos da Amazônia

Maria Petronila Neto

- Invasão do território com todas as estratégias que faz com que o Estado favoreça aos empreendedores; propaganda enganosa, violência e ameaças; conflitos entre índios e ribeirinhos; estratégias de resistências para retomada dos territórios: fazer novas alianças, por exemplo, MST e Contag; falta de água, consequência do que está acontecendo na Amazônia importante para todos. Experiências de resistências onde se junta os movimentos sociais para fortalecer a luta pelo bem da população; o material sobre a mineração que a REPAM pode circular; fortalecer a resistência: entrar em

contato com os movimentos populares, universidades; incorporar a luta contra a privatização da água; organizar um fórum da água, em marco de 2018, fazer um fórum alternativo.

- Estabelecer elo com outros movimentos sociais sobre a problemática da Amazônia; sensibilizar o clero e os leigos dentro da Igreja: o problema das festas dos padroeiros financiados pelos fazendeiros da região que fazem a Igreja calar a boca e escravizar o povo de Deus.
- A criação dos comitês populares dos rios; a ANA – Agência Nacional das Águas só favorece as empresas.
- Ajudar os povos dos rios a criar comitês populares das bacias ou micro bacias dos rios (a proposta dos amazônidas: para fazer a gestão da água, lutar contra a privatização e outros projetos que tentam implantar nos rios).
- Experiências de alianças entre as populações indígenas, para firmar suas lutas em defesa dos territórios.
- Fortalecer a articulação dos povos, a partir da experiência da teia do Maranhão; assumir a campanha pela demarcação indígena, dos povos tradicionais; As bacias estão mapeadas, mas

os caminhos dos encontros devem ser construídos localmente.

- Divulgar materiais de formas de resistência.
- Critérios na construção da rede.
- Assentamentos para reforma agrária: é um espaço de disputa; como incluir os assentamentos na discussão; é um público no qual a Igreja está presente e deve trabalhar.
- A luta das quebradeiras de coco pelo território livre. Contribuir com as quebradeiras de coco e suas lutas dentro e fora da Igreja.
- Sedução das Igrejas; a reação das empresas junto às paróquias e dioceses; campanha do desinvestimento em empresas que estão explorando o território.

6.2. Saberes e espiritualidade dos povos da Amazônia

Ricardo Castro e Benedito Alcântara

- A Oficina consistiu na partilha dos saberes. Definiu-se a espiritualidade como corporeidade que nos vincula a terra. Essa espiritualidade na Amazônia é um retorno e uma reconciliação com a terra para resistir, com força, os desafios que se vive na Amazônia. Nesse retorno a terra, pegamos elementos da mística indígena: é macro

ecumênica e não se fecha nas tradições espirituais na Amazônia. A mandala: pontos – simbolismo do sol; elementos da criação que estão relacionados com o sol; o poente: noite, sombrio, os aspectos das realidades, sofrimentos, tensões, partilhado com vários símbolos, concretizando um círculo dinâmico; outro ponto lembra os mártires, pais e antepassados transmissores de saberes e identidades; a maturidade que torna sábio, acumuladores de experiência. Apresentação dos saberes dos povos indígenas, dos ribeirinhos, o mundo urbano e o sincretismo.

- Essa ancestralidade é apagada pela colonização, criando uma vergonha dos seus valores. Todo esse espírito de integração com Deus e a natureza: temos nas comunidades indígenas, no interior, e isso vai sendo desconstruído pelo sistema colonizador. A relação com os elementos da natureza: remédio e alimento não se diferenciam muito. O jeito de comer, dormir, é um jeito saudável de ser, desaprende-se e valoriza-se o que vem de fora. A tradição indígena tem uma dinâmica e vai esvaziando-se. Isso afetar o jeito de se relacionar e ocasiona a perda dos valores: usar o relógio não tira a identidade, mas reprime, gradativamente, o jeito de ser. O desafio: resgatar a própria identidade, o jeito próprio de viver.

6.3. Formação pastoral e incidência política

Irmão Danilo Bezerra

- O ano de 2018 é o ano do laicato. É preciso fortalecer as pastorais sociais e organismos.
- É preciso construir uma articulação para a Amazônia semelhante ao que estão fazendo no Nordeste (convivência com o semiárido), preservando o que é íntimo dos povos amazônicos. Deveria fazer parte da Evangelização e do modo de ser Igreja.
- Os povos indígenas, quilombolas e as quebradeiras de coco participem do dia a dia da nossa Igreja amazônica, dos vários conselhos existentes.
- Priorizar a formação dos conselheiros. A Evangelização precisa ter uma incidência política.
- Atenção à formação integral dos seminaristas. A fé e a vida sejam a base desse desafio: o evangelho da criação, a leitura orante, espiritualidade ecológica seja a base da nossa vida e do cuidado com a casa comum. O fato das pessoas não se sentirem interligadas e conscientes é um grande desafio.
- A REPAM tem uma missão interna de conversão pastoral para ser uma Igreja em saída. A interligação maior é o consumo.

- As empresas que atuam na Amazônia estão muito mais interligadas.

6.4. Questão Urbana

Francisco Andrade de Lima e Pe. Ari Antônio Reis

- Urbano e rural é uma definição equivocada e arbitrária, até mesmo os critérios do IBGE são frágeis e equivocados. Há influência da cultura urbana no meio rural. A cidade como lugar onde se discute a realidade municipal, que determina a vida do município.
- A migração da Amazônia teve fases diferentes. A cidade é vista como “saída” para a sobrevivência dos diferentes grupos sociais. Os grandes projetos estão relacionados com as grandes cidades que provocam a migração dos habitantes das cidades pequenas para as cidades maiores. Provoca um inchaço e crescimento desordenado.
- As políticas públicas não chegam até as pequenas cidades e isso provoca a migração para as cidades maiores em vista de um atendimento melhor. Fatores de migração: a busca de serviços públicos, os estudos. Ausência de uma política do território, ou seja, planejamento urbano e/ou do conjunto das cidades.

- O território determina as relações sociais. É preciso pensar a cidade de forma que viabilize as relações entre as pessoas, pois, em grande parte, predomina a inércia, a indiferença e a violência.
- Os desafios são importantes para o aprofundamento: caracterizar o que é urbano e rural na região amazônica. Belém e Manaus não são exemplos. A cultura amazônica ainda tem muito de cultura das comunidades tradicionais rurais. Como manter esta cultura?
- É possível construir o Bem Viver no urbano? É fundamental perceber a estruturação do urbano na Amazônia. A urbanização europeia contou com iniciativas de saneamento básico, o que não aconteceu no Brasil – como este ponto entra no pensar o urbano?
- O tema da gestão das cidades: como se dá? A quem interessam e beneficiam?
- Favorecer o conhecimento da história da cidade, permitindo que a população se aproprie, sinta-se em comunhão, cuide da cidade – superar a desmobilização causada pela inércia e cultura do descartável.
- Favorecer a formação para o agir político do município (participação nos diferentes conselhos),

controle social dialogando com os três poderes. Descentralizar os serviços públicos para as cidades menores, descentralizar a gestão interna da cidade e enfrentar os problemas da urbanidade.

6.5. Mulheres da Amazônia

**Elmara de Souza Guimarães
e Ir. Maria Lucélia Araújo da Silva**

- Rios, florestas e dignidade e igualdade. Pensar a mulher na Amazônia requer proteção, cuidados. O que significa ser mulher, ser terra, ser espiritual, ser guerreira? Vive-se a esperança, a resistência em uma sociedade machista e desigual em múltiplas frentes.
- O principal eixo: cuidado – trabalhar a sororidade, mulher que cuida de mulher em qualquer processo de violência doméstica, sexual e trabalho escravo.
- Estratégias possíveis de como a REPAM trabalha com as mulheres: participar da discussão sobre as discussões de gênero, lutar pela vida, água, Bem Viver e direitos das mulheres.
- Defender os direitos das mulheres e dizer não ao grande capital.
- As mulheres têm vozes e querem ser escutadas.

- Linguagem inclusiva.
- Fortalecer a organização das mulheres na rede.
- Reafirmar a identidade das populações amazônicas.
- Contar com a participação das mulheres nos encontros.
- Promover encontros sobre as temáticas femininas.
- Mudar a linguagem: projetos de morte e do Bem Viver e as mulheres na Amazônia.

6.6. Fluxos migratórios e tráfico humano

Márcia Maria de Oliveira

- Considerar as migrações como uma chave de leitura da Amazônia, mais uma possibilidade de interpretação com suporte dos estudos migratórios.
- Ampliar o debate da questão dos deslocamentos compulsórios de Povos Indígenas; ribeirinhos; camponeses; quilombolas, causados por conflitos agrários e retomada de terras por parte dos governos locais, implementação de grandes projetos principalmente relacionados com Programa de Integração da Infraestrutura Sul Americana - IRSA (Brasil, Venezuela, Bolívia,

Colômbia, Peru...), que envolve a malha portuária e rodoviária.

- Entender os deslocamentos compulsórios relacionados com eventos ambientais: cheias dos grandes rios e lagos (agravados pelos grandes projetos); secas relacionadas com o aquecimento global; desmatamento; pesca predatória comercial; extrativismo irregular; crise da água (contaminação pelo agronegócio, garimpos, mineradoras; desaparecimento de lagos: Povo Uru (Peru), Manaquiri (AM); “Desastres ambientais” como o de Mariana (MG) e o fenômeno das barrancas de terras caídas nos grandes rios da Amazônia; processos de desruralização.
- As tendências internacionais são as novas rotas migratórias, com entrada pela porta dos fundos que é a Amazônia, onde as fronteiras secas são as mais procuradas pelos migrantes e representam alternativas diante do fechamento das rotas tradicionais.
- Nos deslocamentos transfronteiriços, o grande desafio são os povos indígenas (Exemplo: os Warao da Gran Sabana, em Roraima e no Amazonas).
- Fortalecer e legitimar a rede de proteção da Amazônia, a partir de seus povos, e reagir e resistir junto com eles! Este é o papel da Igreja e de toda sociedade.

- A reação da sociedade civil contra a extinção da RENCA.
- O posicionamento de boa parte do Ministério Público (tribunais populares - camponeses e lideranças), os diversos movimentos sociais em defesa das águas e das florestas (Bioma Amazônia) são sinais de resistência e Esperança.
- Na contramão do agronegócio está a agroecologia e a agricultura familiar (responsáveis por 73% da circulação interna de alimentos), fortalecidas no governo anterior e em crise na atual conjuntura.
- Fortalecer as iniciativas populares como aquelas que promovem a revitalização e repovoamento dos lagos e o fortalecimento das reservas extrativistas: sustentabilidade e trabalho (castanhas, açaí, biojóias).
- Reconhecer o protagonismo das mulheres da floresta, na dinâmica da troca de sementes, na experiência ancestral de convivência com a Amazônia), nas casas de farinha; e as inúmeras experiências de economias solidárias, que apresentam alternativas à migração. Da mesma forma, o campesinato em consonância com a Pan-Amazônia – através da Via Campesina.

- Fortalecer os grupos de acolhida aos migrantes: a igreja tem sido protagonista, enquanto o estado é cada vez mais omissivo.
- A *Rede Um Grito pela Vida* vem mobilizando a Amazônia contra o tráfico de pessoas, especialmente de mulheres, investindo na informação e na prevenção.
- Centrar forças nas políticas públicas para os migrantes com atenção especial nas fronteiras.
- Prestar maior atenção aos migrantes indígenas nas grandes cidades. Exigem uma atenção especial e pontual também por parte da Igreja.

6.7. Plenário

O plenário complementou alguns temas e apresentou também observações:

- No Urbano, é preciso incentivar o diálogo municipal, estadual e federal. Superar o silêncio e valorizar a dimensão política da cidade e a interlocução com os políticos. Formar agentes políticos. As temáticas importantes da cidade: saneamento básico, água potável.
- É fundamental situar de que mulher se está falando. A mulher da Amazônia é muito ligada à família, a comunidade; as mulheres indígenas

não se identificam no movimento feminista; ver a perspectiva da mulher urbana; a questão do feminicídio. O direito de organizar-se.

- O processo de desregulamentação jurídica, essa desconstrução da legislação coloca muitos grupos em situação de maior vulnerabilidade, processo de ameaças e criminalização.
- As cadeias produtivas não apareceram nas discussões e propostas.
- É preciso tecer rede na Amazônia, do Brasil e fora do país, como ponte e parceria nas grandes questões amazônicas. É fundamental fortalecer a opinião pública mais esclarecida e corajosa dentro e fora do país.
- Todos os projetos têm que ser conhecidos e discutidos: impactos ambientais, atuação das bancadas no congresso, o modelo de desenvolvimento e qual o modelo de Bem Viver que a REPAM vai apoiar para as comunidades.
- Definir uma metodologia de trabalho de base, pois somente assim a Igreja vai permanecer na Amazônia. Aproveitar mais os temas da CF.
- Participar do fórum mundial da água. O mesmo tem uma agenda avassaladora bancada pela

Coca-cola e a participação de vários estados, e faz-se necessário uma articulação que contraste.

- Conhecimento do Plano Diretor que orienta o investimento nas cidades que, em tese, deve ser aprovado pela população em uma audiência pública. É urgente pensar o urbano desde a perspectiva do Bem Viver e intervir nesses processos.
- Dentre a população invisível estão os grupos de LGTB, vítimas de violência nos centros urbanos.
- O CIMI, desde 1972, dedica-se na luta pela demarcação de áreas indígenas. A REPAM tem a missão de somar com essa luta e defesa dos povos indígenas. Ainda existem igrejas que desconhecem essa batalha. É importante recordar que os Povos Indígenas têm diversas espiritualidades, ritos e mitos.
- Hoje os Povos Indígenas estão na cidade. Utiliza-se a imagem do indígena na floresta e não no mundo urbano. Coloca-se o tema da evangelização desse grupo quase sempre de modo sacramental, sem considerar as respectivas cosmovisões.
- A questão do tráfico de pessoas para dentro e para fora do Brasil. O envolvimento de famílias que acolhem migrantes.

- Melhor definição das populações amazônicas. Ex.: Os seringueiros não sentem incluídos entre as imagens que a REPAM publica.
- Sobre a plataforma energética do governo: o que existe de projeto alternativo de energia; o linhão que afeta as comunidades e não gera energia para as populações locais; o aumento desproporcional do preço da energia. Articular e intensificar, junto com os órgãos governamentais, projetos de energia solar para as comunidades da Amazônia.
- Os grandes projetos trazem consigo as seitas que estão afetando as comunidades.
- Propor na assembleia dos Bispos do Brasil os apelos que a REPAM escutou dos sujeitos amazônicos.
- A animação da Laudato Si' não pode sair da agenda da REPAM.
- Como colaborar mais com o eixo de comunicação?

7. Sínodo Pan-Amazônico

Cardeal Dom Cláudio Hummes

O Sínodo especial para a Pan-Amazônia foi anunciado no dia 15 de outubro e será realizado em outubro de 2019, em Roma. O Papa Francisco, no dia da festa de canonização dos protomártires do Brasil e das três crianças indígenas astecas de México, aproveitou para anunciar o Sínodo. A Amazônia tem sido uma preocupação constante no magistério do Papa.

O Sínodo é uma reunião essencialmente dos bispos. É um espaço onde o papa escuta os bispos que podem estar acompanhados. O grande desejo do Pontífice é que o maior número de pessoas participe da preparação da reunião sinodal com dados, discernimento, propostas. Por isso é importante que se dedique um espaço para dialogar. Tratando-se da Amazônia, certamente os Povos originários, Quilombolas vão estar muito presentes, porque eles são sempre os esquecidos.

Depois de tanto tempo de missão, não se conseguiu entregar a Igreja aos Povos Indígenas e isso é profundamente provocador. Por outro lado, é o momento

que coincide com a grave crise socioambiental. Deve-se pedir a luz e fortaleza do Espírito e que todos possam, de alguma forma, colaborar.

A primeira forma de participação de todos se dá através de um questionário. É o momento de levantar os temas, as problemáticas e as sugestões. A REPAM pode colaborar bastante. Os questionários servirão de base para o Instrumento de Trabalho, e o Papa assume a publicação dos resultados discutidos e votados. Da Assembleia sinodal participam os Bispos e convidados sem voz e voto.

Um Sínodo sobre a presença da Igreja na Amazônia, que interligados com a Bacia do Congo, são áreas prioritárias do ponto de vista ambiental, traduz-se em um momento de discernimento e de construção de novos caminhos. O Sínodo vai discutir como a Igreja está atuando frente a realidade dos povos e territórios amazônicos e construir, segundo o Espírito, propostas corajosas que permitem nascer uma Igreja com rosto amazônico, inculturada, missionária com seus próprios pastores.

Os participantes do seminário, alegres e esperançosos, teceram alguns comentários sobre o Sínodo especial para a Pan-Amazônia:

- O anúncio provocou na imprensa uma disputa de narrativas sobre o Sínodo, sobre a Amazônia

e a Igreja. É preciso cautela com os reducionismos e desvios dos temas fundamentais.

- Que a presença dos Bispos reflita a presença amazônica.
- É um tempo de graça.
- No momento de preparação é importante ser criterioso, considerar o que é fundamental. Os estudiosos podem apoiar os Bispos. Depois do Sínodo, vê-se o que fazer. Entrar no processo com sabedoria.
- A palavra discernimento é central. A *Laudato Si'* pode ser a coluna vertebral da assembleia. É preciso ter foco e não permitir que as paixões desloquem as perspectivas do Sínodo. Participar com liberdade interior.
- Considerar as experiências ministeriais positivas de outros lugares que podem ser avaliadas e úteis para a região.
- O reconhecimento das religiosas e leigas que estão no território. Porque não pensar e trazer para o debate, o tema das sacerdotisas, diaconisas para a Igreja da Amazônia? Como valorizar mais a presença das Congregações femininas, teólogas no âmbito amazônico?

- A Igreja com rosto amazônico tem um rosto feminino que protege, cuida e valoriza a beleza.
- É uma oportunidade de Sinodalidade para os bispos da Amazônia, para sair de uma ecologia superficial rumo a uma ecologia integral que deve pulsar no coração de todos, a continuidade dos encontros dos Bispos amazônicos, a necessidade da Eucaristia, a valorização do Ministério, investimento financeiro na formação dos ministros, agentes pastorais, diaconato permanente, diaconato feminino.
- Outra questão que o Sínodo deve ajudar é sobre uma renovada presença pastoral na base, única condição de permanecer como Igreja na Amazônia. É uma nova saída missionária.
- *“Muita coisa na Amazônia chega tarde demais, mas quando chega em muitas realidades na Amazônia, não significa que não temos nada. Temos um Deus que aprendemos a conhecer na natureza. E isso provoca uma crise de identidade; o apelo é que escute mais, nossas teologias, nossas crises que gerou com essas misturas; eu escutei a palavra enculturação, temos medo desta palavra, nos identificamos com a interculturalidade.”* (Fala de um dos participantes).
- Um sínodo que explora o que significa ser Igreja com rosto amazônico, valoriza a cultura, os ritos

e as liturgias, ora com tudo que é, com a natureza.

- A Igreja da Amazônia tem um rosto próprio, laical, o clero ainda é de fora. Mas é preciso resgatar uma perspectiva laical que é missionária na Igreja e na sociedade.
- Construir a unidade na diversidade. O momento é de afirmação de desejos e descobertas dos caminhos e como serão trilhados.

Continuando a Trilha rumo ao Sínodo...

Sínodo para Amazônia: Quais iniciativas vamos tomar? O que cabe a nós daqui para frente, depois da introdução sobre o Sínodo?

- Estimular a participação na preparação do Sínodo;
- Responder ao questionário, sentir-se envolvido; o Papa quer ouvir os pastores, mas também o povo; pedir a luzes do Espírito para encarar o Sínodo; valorizar e promover iniciativas na primeira jornada pelos pobres, pois queremos ser uma Igreja dos pobres e para os pobres.

8. Agir: Perspectivas, continuidade e encaminhamentos

Pe. Dario Bossi e Daniel Seidel

As intuições do Seminário, a partir dos temas, recolhidas, debatidas e convertidas em iniciativas de base, em ações concretas de articulação e compromisso de tecer a Rede Eclesial nos diferentes espaços, ajudaram a definir propostas de ação.

Propostas de Ação

1. Povos Indígenas e Povos em situação de vulnerabilidade

- Defesa dos territórios: apoiar a demarcação de terras das populações tradicionais: indígenas, quilombolas, territórios pesqueiros, ribeirinhos, assentamentos, unidades extrativistas (seringueiros), unidades de conservação.
- Territórios de uso sustentável e coletivo.
- Apoiar a articulação dos Povos indígenas e Comunidades Tradicionais a partir das bacias dos

Rios da Amazônia.

- Criação dos comitês populares de bacia (aqui ou em DDHH).
- Incidir no STF para superar a possibilidade de revogação do Decreto que homologa territórios quilombolas.
- Apoiar a demarcação dos territórios dos pescadores artesanais.
- Defender os territórios livres para quebradeiras de coco.
- Incluir os seringueiros entre os protagonistas prioritários da REPAM.
- Acolher e integrar os migrantes, valorizando seus saberes, como sujeito de direitos e deveres.
- Que se incorpore o “jeito de ser/celebrar” dos Povos Indígenas e das Comunidades Tradicionais, incluindo sua participação no planejamento das iniciativas da REPAM.
- Inserir indígenas urbanos (Bem Viver e desafios no mundo urbano).
- Indígenas em situação de isolamento e risco.

2. Formação e Métodos Pastorais numa perspectiva itinerante e Pan-Amazônica

- Promover formação de agentes para atuação em Conselhos de Direitos e de Políticas Públicas e para incidência política em vista da descentralização da prestação dos serviços públicos para os municípios do interior dos estados e para os bairros das capitais.
- Conquistar espaço no diálogo com outras Igrejas no Brasil (ecumenismo).
- Juventudes (como envolver?).
- Promover espaços de discussão sobre gênero e feminismo, com a participação de todos da RE-PAM, inclusive dos homens.
- A partir das vivências espirituais e rituais (liturgia encarnada), educar para o cuidado da criação, a luta pela vida e a vivência da comunidade, promovendo formação integral e integrada, tendo como referência a *Laudato Si'*.
- Realizar formação permanente nas bases, priorizando a sensibilização sobre tráfico de pessoas e trabalho escravo.
- Presença pastoral junto aos movimentos sociais (seminário de diálogo?).

- Sensibilizar o clero e os cristãos leigos e leigas para as problemáticas da Amazônia (formação dos seminaristas – da Amazônia em particular, da vida consagrada, cursos de formação para o laicato), assumindo a perspectiva de Fé e Vida na formação; leitura bíblica a partir da Amazônia.
- Envolver os conselhos pastorais diocesanos.
- Paróquias e comunidades criem processos formativos que favoreçam o conhecimento das cidades e seus clamores.
- Incentivar a criação de um “Conselho Pastoral da Cidade” que pense a evangelização para além da estrutura paroquial.
- Fortalecimento das Pastorais Sociais e Organismos com encontros em nível de Amazônia (“Nor-tão” das Pastorais Sociais e Organismos, como já acontecem nos Regionais do Nordeste).
- Valorizar as expressões culturais e simbólicas da religiosidade e tradições espirituais da Amazônia.
- Valorizar os aspectos do feminismo das culturas amazônicas, na espiritualidade e mística ecológicas.
- Repensar a linguagem utilizada na REPAM para que seja inclusiva das mulheres e diferenciada quando tratar, por exemplo, utilizando a

expressão “projetos destrutivos”, ao invés de “grandes projetos”; “Bem Viver”, ao invés de “desenvolvimento”.

3. Direitos Humanos

- Promover Seminários sobre “Direitos da Mãe-Terra e Natureza”.
- Construir novas políticas públicas para migrantes, a partir da vigência da nova lei de migrações no Brasil.
- Defender a água como direito humano universal e lutar contra sua privatização e mercantilização. Ação: participar do Fórum Alternativo Mundial da Água (FAMA), de 17 a 19 de março de 2018, em Brasília.
- Organizar apoio para que comunidades locais da Amazônia possam denunciar as violações de direitos.
- Formação de defensores de DDHH (em aliança com Movimentos Sociais e outros).

4. Igreja de Fronteiras

- Ampliar e garantir o debate sobre as migrações e o tráfico de pessoas na Amazônia nas iniciativas da REPAM e outros espaços nas dioceses, prelazias ou regionais.

- Fortalecer as Redes de enfrentamento ao tráfico de pessoas e exploração sexual, como a Rede um Grito pela Vida.
- Migração e pacto internacional.

5. Justiça socioambiental e Bem Viver

- Formar uma coalisão entre as articulações de indígenas, quilombolas, pescadores, extrativistas, quebradeiras de coco, assentados, populações das Resex.
- Economia da Biodiversidade
- Elaborar estratégia de parceria com MST, Contag, agricultores, para convocar a todos para uma luta em comum em defesa da Amazônia e para fomentar projetos produtivos como alternativas ao modelo capitalista de produção.
- Fortalecer as organizações de mulheres na Amazônia, apoiando a sua articulação em rede
- Criar cadeias produtivas alternativas baseadas na agroecologia e na economia solidária, apoiar essas redes solidárias que já existem.
- Geração de trabalho e renda (dar visibilidade a experiências já em curso, favorecer novas articulações).
- Economias alternativas nas cidades.

- Disputa da riqueza gerada pelas empresas em nossos territórios.
- Integração entre biomas e intercâmbios com outros biomas.
- Alternativas às propostas do sistema do capital sobre o clima ("economia verde").
- Aprofundar nosso conhecimento do Bem Viver.

6. Comunicação para transformação social

- Incluir ações de prevenção e denúncia do tráfico de pessoas e trabalho escravo no projeto "Vozes da Amazônia" (pequenos vídeos-documentários).
- Compartilhar materiais de divulgação e educação produzidos pelas organizações e de experiências, como a "Teia dos Povos Tradicionais", do Maranhão, e os Tribunais Populares contra as Grandes Empresas violadoras dos direitos humanos.
- Trabalho com o veículo das rádios e TVs.
- Continuidade ao encontro dos comunicadores de cada região.
- Relação entre processo de mapeamento e estratégias de comunicação: divulgação de resultados e promoção de debates nos territórios a respeito.

7. Pesquisa e mapeamento

- Acionar as Universidades para contribuírem na elaboração de projeto do “Bem Viver”; e resistir contra os projetos que destroem o bioma da Amazônia.
- Recolher e sistematizar experiências significativas e inspiradoras quanto ao Bem Viver.
- Apoiar o processo de mapeamento, também em função do debate sobre o Sínodo Pan-Amazônico.

8. Redes Internacionais

- Participar e divulgar o “Encontro dos Irmãos da fronteira” (platô das Guianas).
- Criar mecanismos de denúncia de violações dos povos da Amazônia (relatório pan-amazônico).
- Fortalecer mecanismos de colaboração com as redes internacionais para incidência política na União Europeia e outras instâncias em favor da Pan-Amazônia.
- Integrar a Rede Clamor (CELAM – refugiados, migrantes e vítimas do tráfico) e a Rede Latino-Americana da CLAR (Eixo “Trata – CLAR).
- Fomentar a articulação com entidades internacionais sobre o papel da Amazônia e sua importância no ciclo das águas e na questão climática.

- FOSPA (Fórum Social Pan-Amazônico).
- FSM: inscrever seminários e painéis sobre a Amazônia e a REPAM.
- Missão embaixada Noruega (principal doador do Fundo Amazônia) para investigar os resultados dessas doações.

1. Comitê Ampliado e Referentes dos Eixos

a) Composição dos comitês locais referentes aos eixos:

Eixos	Pessoas de referência
1. Povos Indígenas e Povos em situação de vulnerabilidade	Darlene Braga (CPT), José Cleanton Ribeiro (CIMI), Antônio Moraes (CPT), Luís Ventura (CIMI)
2. Formação e Métodos Pastorais em perspectiva itinerante e Pan-Amazônica	Ir. João Gutemberg, Marta Bispo, Dom Mário Antônio da Silva (Roraima-Norte1)
3. Direitos Humanos	Pe. Dário Bossi, Caritas Amazônia (PA), Daniel Seidel, Xingu vivo. Ir. Juscieda Menezes (JPIC/CRB-Nacional)
4. Igreja de Fronteiras	Ir. Rose Bertoldo (Rede um Grito pela Vida). Aurinete (AC), Verônica Rubi (Caritas de Alto Solimões)
5. Justiça Socioambiental e Bem Viver	Pe. Guillermo Cardona Grisales, Roberto Malvezzi (Gogó), Luiz Lopes (MT), Joaquim Belo (CNS), Antônio Melo (Xingu Vivo), Luiz Felipe Lacerda (OLMA)
6. Comunicação para transformação social	Ir. Osnilda Lima, Joelma (Santarém PA), Maira (Povo Wapichana)
7. Investigação e mapeamento	Evanilda de Jesus
8. Redes Internacionais	Ir. Irene Lopes (REPAM-Brasil), Stepan (Misereor), Cecília Iorio (CAFOD), Rogenir (CRS), Mauricio López

2. Comitês locais da REPAM – Brasil

Comitê	Nome
Marabá (PA)	Ir. Maria Lucélia Araújo Ir. Zélia Maria Batista
Rio Branco (AC)	Pe. Manoel Costa Darlene Braga (CPT) Aurinete Brasil
Imperatriz, Balsas, Carolina, Grajaú e Viana (MA)	Antônio Gomes de Moraes Margarida Chaves dos Santos
Zé Doca e São Luís (MA)	Martha Bispo José de Maria Carvalho Silva
Lábrea (AM)	Francisco de Oliveira Santos Hoadson Leonardo Silva Orly Côco
Macapá (AP)	Benedito de Queiroz Alcântara Joaquim Correa de Souza Belo
Oeste 2/CNBB	Luís Lopes da Silva Pe. Jair Fante Ricardo Roberto de Almeida
Xingu (PA)	Dorismorei Antônia Melo Silva
Roraima (RR)	Danilo Bezerra Gilmara
Manaus (AM)	Diac. Francisco de Lima Ir Roselei Bertoldo Ir. João Gutemberg Ir. Delires Brun
Santarém	Pe. Guilherme Cardona Grisales
Norte 3/CNBB	Samuel Viana Ir. Maria Eugenia Ribeiro
Belém – Castanhal (PA)	Cristiane Queiroz Pe. Paulo Juanil
Itaituba(PA)	Elmara Guimarães (CPT) Bárbara do Nascimento Dias (CIMI) Ir. Cleusa da Costa (Área pastoral III) Pe. José Boeing – (Comissão Justiça e Paz dos Verbitas)
Porto Velho (RO)	Maria Petronila Neto

9. Conclusão

A conclusão do Seminário Geral coincidiu com a celebração do *Dia Mundial Para Os Pobres*, instituído por Papa Francisco, no final do ano da misericórdia. A REPAM deseja ser esta rede a serviço dos mais pobres na Amazônia, desde um agir corresponsável, diante dos grandes desafios eclesiais e socioambientais na região. Acolhemos as palavras de incentivo do Cardeal Dom Cláudio Hummes e Dom Sérgio da Rocha, presidente da CNBB, para que cada pessoa cultive a pertença e corresponsabilidade na rede que deseja visibilizar cada rosto no território amazônico.

Dando continuidade à articulação da REPAM-Brasil:

- Preparar o próximo encontro ampliado em fevereiro (retiro e planejamento): retomar os encaminhamentos do atual encontro.
- Oferecer nossa colaboração com os eixos da dimensão pan-amazônica: pessoas de referência para cada eixo.

- Sugestão de maior clarificação: Definir: quem é a REPAM-Brasil? O que caracteriza a pertença à REPAM? Como se dará a relação entre Comitês locais/diocesanos e a Coordenação da REPAM-Brasil?

Participantes

1. Abade Félicien Mavoungou (S. Executivo da ACERAC – Congo-Brazzavile)
2. Adriana Patrícia Moncada Pilla (Boa vista/RR- Pastoral Universitária)
3. Antônia Melo da Silva (Xingu Vivo para sempre- Altamira/PA- Regional Norte 2)
4. Antônio Gomes de Moraes (Pastorais Sociais - Regional Nordeste 5 Loreto/MA)
5. Arlete Gomes dos Santos (Analista de Projetos Sociais - CEA e REPAM –Brasil - Brasília/DF)
6. Arnaldo Andrade de Amorim (Seringal-Cruzeiro do Sul/AC)
7. Aurinete Souza Brasil Ferreira (assessora da Diocese de Rio Branco/AC)
8. Benedito de Queiroz Alcântara (Comissão Justiça e Paz - Regional Norte 2-Macapá/ AP)
9. Carlos Daniel D.S.Seidel (Assessor REPAM – Brasil, Brasília/DF)
10. Cecília Lório (CAFOD-Inglaterra)
11. Celio Lima da Silva (Coordenador CPT - Regional Noroeste-Rio Branco /AC)
12. Darlene Maria Martins (Comitê Ampliado REPAM-Brasil-Rio Branco/AC)
13. Denyse Saboia leite de Castro (Aux. Administrativo REPAM – Brasil- Brasília/DF)
14. Diego José (Torrealba Bravo- Pastoral Universitária-Boa vista/RR)
15. Cardeal Dom Claudio Hummes (Arcebispo Emérito de São Paulo – SP, Presidente da REPAM)
16. Dom Erwin Krautler (Coordenador da REPAM Brasil-Bispo emérito da prelazia do Xingu-Altamira/PA)
17. Dom Louis Portella Mbuyu (Conferência Episcopal-Congo Brazzavile)
18. Dom Mário Antônio (Bispo de Roraima/RR)
19. Dom Philip Eduard Roger Dickmans (Bispo de Miracema/TO)
20. Dom Sébastien Muyengo Mulombe (C. E. para os Recursos Naturais/República

Democrática do Congo(DRC)

21. Eliberto Barroncas (REPAM - Norte 1-Manaus/AM)
22. Elmara de Sousa Guimarães (Comissão Pastoral da Terra (CPT)Itaituba/PA)
23. Evanilda de Jesus (Coordenadora do Mapeamento REPAM-Brasília/DF)
24. Felício Pontes (Ministério Público Federal - Brasília/DF)
25. Flavio Mendes Ribeiro (Secretário executivo - CNBB- Regional Norte 3 - Miracema/TO)
26. Francine Junqueira (UMBRASIL: União Marista do Brasil-Brasília/DF)
27. Francisco Andrade de Lima (CNBB-Regional Norte 1-Manaus/AM)
28. Francisco de Oliveira dos Santos (Noroeste-Lábrea/AM)
29. Francisco Océlio Silva Muniz (Movimento dos Atingidos por Barragens - Regional Noroeste-Porto Velho/RO)
30. Frei Olávio Dotto (Pastorais Sociais da CNBB-Assessor REPAM – Brasil-Brasília/DF)
31. Guilherme Cavalli (CIMI- Brasília/DF)
32. Henri Muhiya Musabate (Secretario Executivo da Rede Eclesial da Bacia do Congo/REBAC)
33. Ir. Cleodilte (Conferência dos Religiosos do Brasil-CRB-Brasília/DF)
34. Ir. Danilo Bezzerá (Pastorais Sociais / Regional Norte 1-Boa vista/RR)
35. Ir. Lurdes Araújo Duarte (Conselho indigenista missionário – CIMI - Cuiabá/MT)
36. Ir. Maria Eugênia Silveira (CNBB Norte 3 e Comitê Local da REPAM-Palmas/TO)
37. Ir. Maria Irene Lopes dos Santos (Assessora da CEA e Secretária Executiva da REPAM-Brasil Brasília/DF)
38. Ir. Maria Lucélia Araújo da Silva (CIMI/ Regional Norte 2-Marabá/ PA)
39. Ir. Osnilda Aparecida de Lima (Assessora de Comunicação REPAM-Brasil Brasília/DF)
40. Ir. Jucieda (Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB-Brasília/DF)
41. Ir. Maria de Fátima (Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB-Brasília/DF)
42. Izalene Tiene (Coordenadora dos Seminários *Laudato Si'* - REPAM-Brasil-Manaus/AM)
43. Joaquim Correa de Souza Belo (Conselho Nacional das Populações Extrativistas-CNS-Macapá/AP)
44. José Cleanton Curioso Ribeiro (CIMI-Regional Norte 2-Altamira/PA)

45. José de Maria Silva (Assessor Educacional - Nordeste 5-Brejo/MA)
46. José Gaspar Wanderley Guimarães (Verbo Filmes São Paulo/SP)
47. Jucelene Rocha (Cáritas-Brasília/DF)
48. Lídia Monalisa Farias dos Santos (Associação Nacional de Educação/ANEC, Regional Norte 1 Manaus/AM)
49. Luis Lopes da Silva (CNBB - Regional Oeste 2-Cuiabá/MT)
50. Luiz Cláudio Lopes da Silva (Mandela-Diretor Executivo Nacional de Cáritas-Brasília/DF)
51. Luiz Felipe (Observatório N.de Justiça S. Luciano Mendes de Almeida – OLMA-Brasília/DF)
52. Márcia Maria de Oliveira (Assessora REPAM-Brasil/RO)
53. Margarida Chaves dos Santos (Pastorais Sociais e REPAM - Regional Nordeste 5-Imperatriz/MA)
54. Maria Delires Brun (Comitê Ampliado REPAM –Brasil-Manaus/ MA)
55. Maria Petronila Neto (Comissão Pastoral da Terra /Regional Noroeste-Porto Velho/RO)
56. Martha Furtado Bispo (CNBB Nordeste 5-São Luís/ MA)
57. Maurício López (REPAM)
58. Orly Côco (Coordenador de Pastoral – Noroeste-Lábrea/AM)
59. Patrícia Lopes (Assessora REPAM-Brasil-Brasília/DF)
60. Pe. Antônio Xavier (Tradutor-Brasília/DF)
61. Pe. Ari Antônio Reis (Assessor REPAM – Brasil-Passo Fundo/RS)
62. Pe. Dário Bossi (Assessor REPAM –Brasil-São Paulo/SP)
63. Pe. Guillermo Cardona Grisales (Pastorais Sociais / Regional Norte 2-Santarém/PA)
64. Pe. Jardesson Oliveira (Pastorais Sociais - Regional Noroeste Cruzeiro do Sul/AC)
65. Pe. Ricardo Gonçalves Castro (I. de T. Pastoral e Ensino Superior da Amazônia-I-TEPES-Manaus/ AM)
66. Pe. Rigobert Minani Bihuzo (Coordenador da Rede dos Centros de Jesuitas na África, DRC)
67. Pe. Samuel Jésus de Paquette (Conferências Episcopais da África e Madagascar-SCEAM)
68. Pe. Thierry Linard (Centro Cultural de Brasília (CCB)-Brasília/DF)
69. Renato Bastos (Assessor REPAM – Brasil-Juiz de Fora/MG)

70. Ricardo Roberto de Almeida Capistrano (Coord. Regional de Campanhas: CF/CE/MIS - R. Oeste 2-Cuiabá/MT)
71. Roberto Malvezzi (Assessor REPAM – Brasil-Juazeiro/BA)
72. Rogenir Costa (CRS-Brasília/DF)
73. Roselei Bertoldo (Comitê Ampliado - REPAM –Brasil-Manaus/AM)
74. Rotokwyi Airomkenti Valdenilson (Aldeia Akrâtikatêjê-Marabá/ PA)
75. Samuel dos Reis Viana (Cáritas e CEBS - Regional - Norte 3 Palmas/TO)
76. Stefan Krames (Misereor Brasília/DF)
77. Symphorien Kabangu Mande (Gerente CAFOD – Congo)
78. Tiago Melo (Paulus-Brasília/DF).

